



polifemo





P626

Petroforte, Antonio Vicente Seraphim
Polifemo / Antonio Vicente Seraphim Petroforte –
São Paulo: Córrego, 2018. Série Polifemo.

28 p.; 14 x 21 cm

ISBN 978-85-7039-010-3

1. Poesia brasileira. 2. Literatura brasileira.

I. Petroforte, Antonio Vicente Seraphim. II. Título.

CDD B869.1

capa Lilli Ferreira e Gabriel Kolyniak

Editora Córrego
Rua Araújo, 355 31
República São Paulo SP
01220-020
editoracorrego.com.br



polifemo



LER POLIFEMO

Seraphim Pietroforte

Polifemo é nome próprio, o nome do ciclope, filho de Poseidon e da ninfa Teosa, enamorado de outra ninfa, Galatéia, mas também quer dizer Muitas Vozes, do grego *polýs*, “muito”, seguido do verbo *phemi*, “dizer”. Nessa concepção, o ciclope encaminha um paradoxo, seu único olho – seu monóculo – contrasta com sua polifonia; desse ponto de vista, Polifemo confunde-se com a linguagem: seu vir a ser funda-se em uma polêmica constitutiva – um olho vs. muitas vozes –; em suas vozes, cada voz se define em relação às demais, como na gênese dos discursos e na semiose.

Nessa polifonia, Galatéia e Polifemo também são tema de um poema de Haroldo de Campos, o terceiro poema da série *entre vênus e minerva*, a primeira seção do livro *Crisantempo*, de 2004, cuja leitura me motivou a escrever meu *Polifemo*. Em princípio, minha intenção era – e ainda é – escrever uma epopeia pessoal, com pelo menos 24 cantos, cada um deles com pelo menos 136 versos, cada canto composto em uma forma poética. O *Canto I* seria feito em tercetos decassílabos, sem rimas, mas com aliterações e assonâncias alternadas segundo o esquema aba/bcb/cdc ... ; pensei em fazer uma relação entre o tema inspirado por *Polifemo contempla Galatéia*, de Haroldo, e o modo de composição, semelhante àquele utilizado em sua *Máquina do mundo repensada*, explicitamente motivada pela versificação de Dante, na *Divina comédia*.

O *Canto I* seria uma profissão de fé: a aplicação em literatura do maximalismo, termo introduzido por Flo Menezes em 1983, que, segundo ele, “consiste na elaboração de múltiplas referencialidades”. Não se trata de fazer citações pontuais, isso até pode acontecer, mas de correlacionar processos de engenharia poética na formação de novos elos semióticos. Além da metalinguagem e em função de ser epopeia pessoal, também recorro a meus temas preferidos: drogas, BDSM e podolatria, simbologia religiosa. Uma



vez desperto, Polifemo, recuperando sua visão por meio da linguagem, recupera o desejo por Galatéia, no *Canto I* ainda apenas sugerida pela Poupa – personagem chave da *Linguagem dos pássaros*, de Farid ud-Din Attar –.

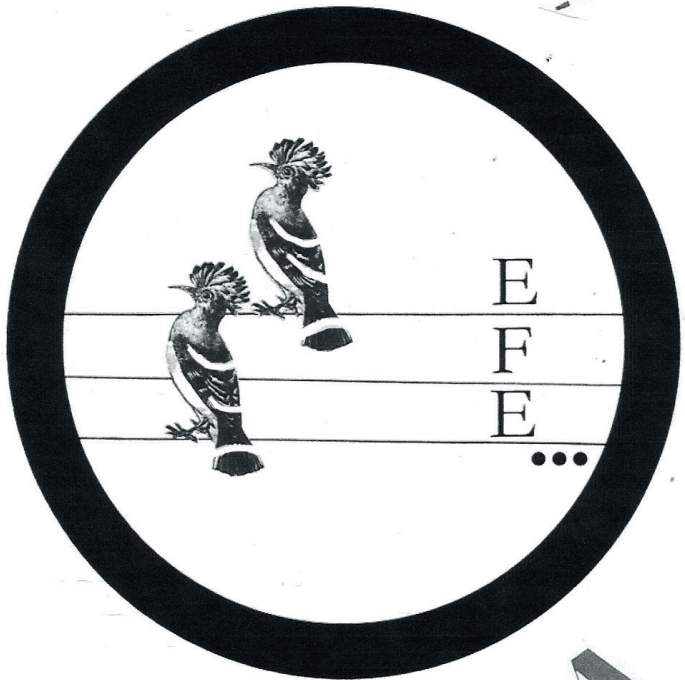
Apesar dos encaminhamentos, quando pronto, esse *Canto I* tinha sua autonomia, ele poderia vir a ser um canto único. Feito, por enquanto, canto único, está é a segunda vez em que eu o publico; dessa segunda vez, fiz algumas modificações, escolhi outras palavras, mudei alguns versos. Para valorizar o texto e trazer mais de minha vida pessoal para dentro dele, convidei a Lilli Ferreira para ilustrar o poema e somar comigo mais uma parceria.

Por fim, a última observação: no lançamento da primeira edição de *Polifemo*, alguns conhecidos queixaram-se da disposição dos versos, pois não conseguiam entender se o texto seria um único poema, se cada estrofe seria um poema, ou se havia um poema por página. Ora... isso é constrangedor: para eles, porque é embaraçoso quando deixa entender o quanto estariam despreparados para ler poesia; para mim, porque “constranger” também significa tolher a liberdade, não a deles, de não se darem ao trabalho de entender quase nada, mas a minha.





S E M I



p T i c A





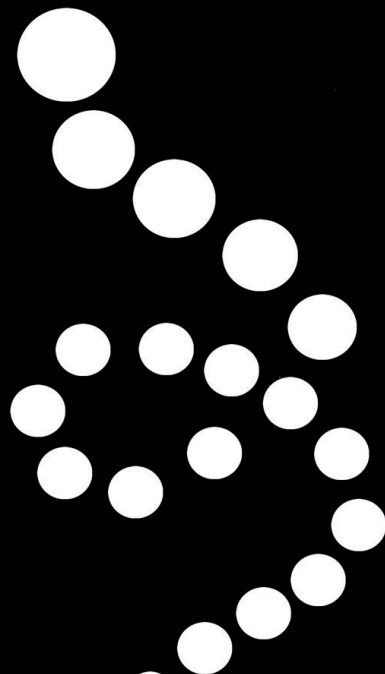
rever flora, lá fora um atabaque
bate, fumaça voa elegante
mente sob o cume calvo, alarde

por que? porque sobeja, sobe, antes
fosse apenas forma, fome, a
parte, mas é mais que isso, avante...

como recolher esse maço farpa?
perceber a disseminação dos
silvos, uivoos, cios, várias garças

que já alçam? as pernas feitas poses
as penas para o travesseiro, passos,
prontas para serem musas tão doces?





F L **RA**

A graphic consisting of 20 white circles of varying sizes arranged in a curved, descending path from the top left towards the bottom right. Below the circles, the letters 'F', 'L', 'R', and 'A' are displayed in a bold, serif font. The 'F' is the largest, followed by 'R' and 'A', with 'L' being the smallest.



a descrição de uma boceta – ossos
do ofício do poeta – ninfa, seus
cílios parecem caramujos-flores

do mastro escorre o limo, flux, musgo,
o ótimo, percorre a lágea lágrima
o leite, a Via Láctea, o escuro

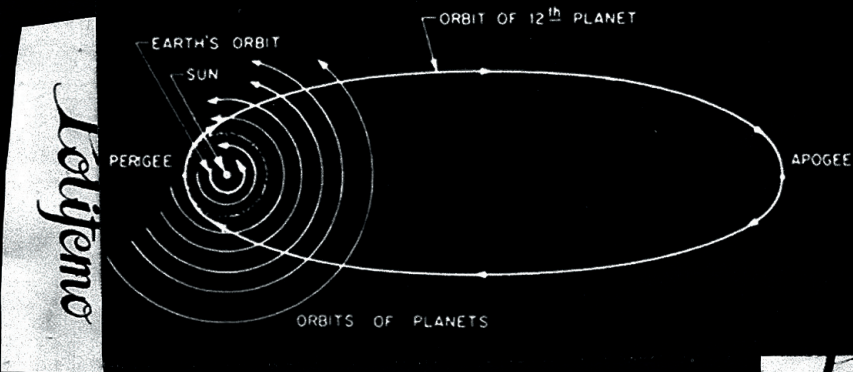
lábio símile da lábia, da pálpebra,
olho oracular, a semióptica
farol e alvo, preparado para.

permanece duro – reger a exótica
orquestra de trinados, trinta pássaros
canoros, contraltos, ânforas várias...

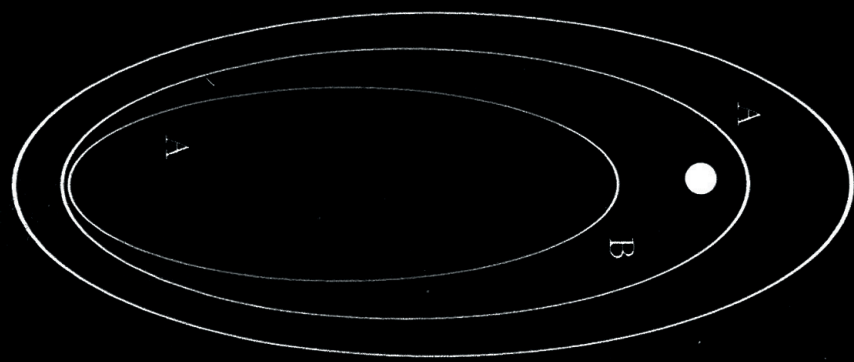




ANATOMIA DA ESTROFE



por uma translação da terza rima



lugar
e da c
dentu
Lolijemo
te que
lharis



como preencher as lacunas-vasos?

o lago lágrima, o canto líquen,

como deter? o ósculo sal, pátio

da delícia, do delicado hímen,

não mais ninguém entre o ver e a ninfa,

só zelo, obnubilante nuvem

fumaça feita na cabeça vinga.

viceja, nitesce, bem vinda dor

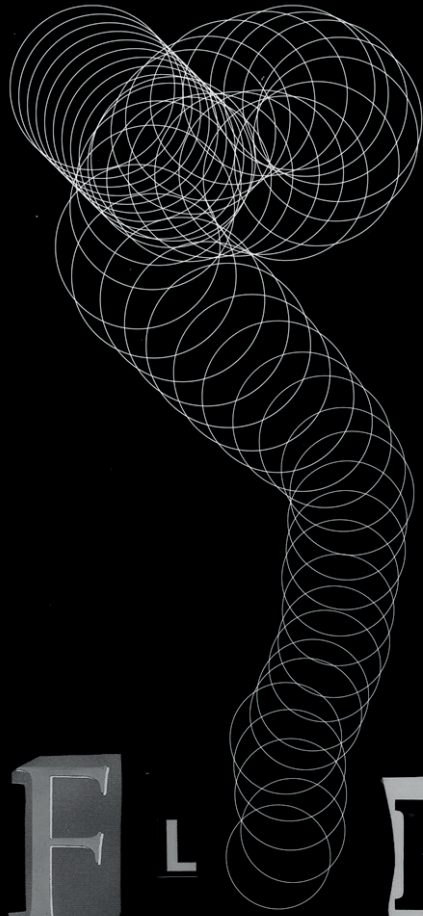
que bate na pupila, fino prisma

lembra olho de gato, lembra corvo

ocre quase ouro, fino finíssimo

filamento preto, sépia, a cor





F **L** **R** **A**







não determino, não determino a
claridade, contraste adentro em gruta
última morada do urro, grito,

aviso, hino, retomada abrupta
da variação do tema da boceta,
tão galante, tão corola, tão túmida.

perceber aqui, lá, se movimenta
nisso, há de reverberar alhures
o galo, só alarido e corneta.

tintura vermelha, a crista cruz
cilício-cio, coroa é Sol
o pelo é cílio, o vazio é sus





penso: brônzea-buça-vermelho-outros
sóis, supernova brilha magnética,
engolidora de fogos, de ovos

dos viris. pondera, a era crítica
que se desenrola ou nunca, a túnica
como a era, a hera, ou a única

e última urna. ou magnífico
falcão real, verossímil, ciumento
como Otelo, como Deus, como a última

mulher do mundo a procura de encanto.
logo ela, seria musa? sé,
centro, melodrama? drástica, mansa



gueixa, uma perdiz pé ante pé
graciosa? um caligrama feito
a mão, a nanquim, o escriba é lépido

brâmane, enviado? ela é feito
pluma? gorjeio do pássaro mágico
de Visnhu ecoa nos canteiros

dos jardins dos Édens, transe, extático
de só comer os cogumelos-pomos
das Hespérides, desperdício no ato

jorro no jardim das Uris – um conto
cujo tema é o rouxinol do jardim
do amor? acaso a rima vai de encontro





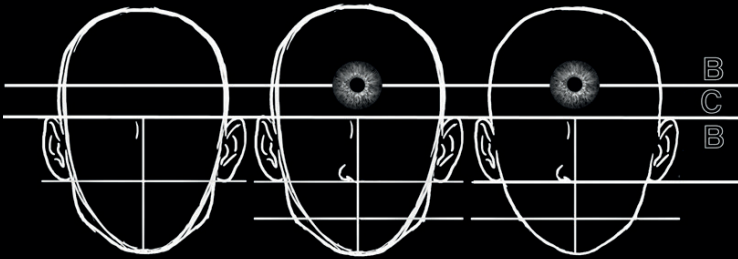
ao senso? ao bom? amarelo enfim,
há flor? antes não a tivesse visto,
arrisco a crer que foi, assim assim,

minha desgraçada, digo e repito,
pena – pedra, seixo, prego, bituca
em brasa acesa – pintassilgo apito

feito uma locomotiva. cutuca
o único olho, única lâmpada
de muitos volts, lâmpada maluca

da locomotiva monstro estranha
nos trilhos trilha do sentido fora
dos eixos paralelos, ninfa estranha.









túnel, entranha, cristalino cora.

o olho claro na entranha funda.

noctâmbula via furiosa,

curiosa a comparação entre

o pleno da íris e o vazio

da marsupial boceta. seu ventre,

dedos abaixo do umbigo indico,

o indicador delata. minha única

óptica, meu ponto de vista – insisto –

há de construí-la agridoce, uva

pronta para ser mamilo, ser sino,

sinal de que aprecia o abraço, dúvida



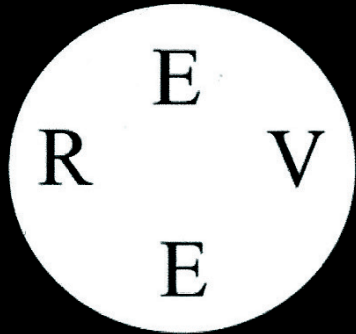
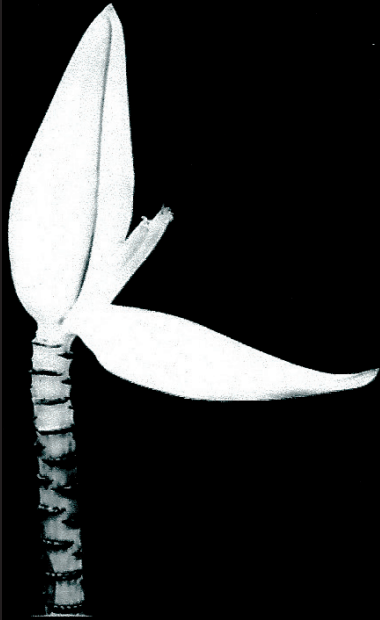


seria luta ou logro, do ciclope,
agora próximo do pavão e
de sua cauda. caramelo, mínimo

rumor quando ela passeia, flana e
seria feito do flandar poema,
mel a melar a mão mastrução e

justamente agora a moça entoa
– em êxtase silêncio – o silêncio
sino por trás das loas, loas, loas...

lá fora uma lira acorda, suspenso
o pênis através do texto. colo –
a língua colo – a seda, um lenço





de seda só. sobre ela na orla
marítima, sou legião, sou horda,
afina o ouvido pela pala louca.

em busca dela, ninfa d'água, houve –
havia de ser galante – havia
de dessa vez não ser ave. outono?

outono não, primavera viria
a ser grama, negar a areia, deu
para ver quase tudo, mas mirei

os pés. farfalha, abelhuda, seu
desleixo me encanta. a musa diz –
descalça – só faltava isso. sou



seu, mas bem antes que se jogue em riste,
aos risos, ao mar, enfim, ao mas, pisco,
percebo a ave, sua coroa rubra,

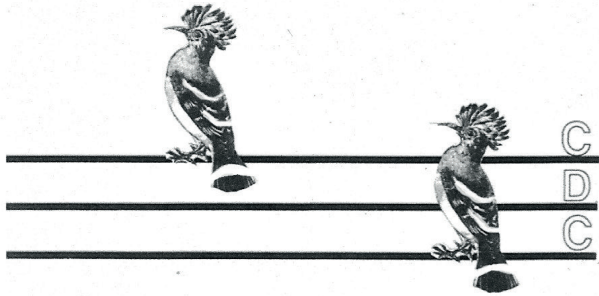
a poupa astuta só de camisola
pousa no meu ombro (?) e some. engano,
o pássaro está longe, só outrora.

há ninfa d'água, há a ave dano,
em danação da vista que aflora
puxo um pega na fumaça véu, flano



pelo planeta Terra. ela, rola
aflita salta, mergulha, a fuga
de mim; a poupa astuta alça voo

e me leva o mas. me sobra o abismo,
o horizonte, o hoje. me resta
tudo entre as duas; preparado, único,
tonto, ondeio as vagas e as estrelas.

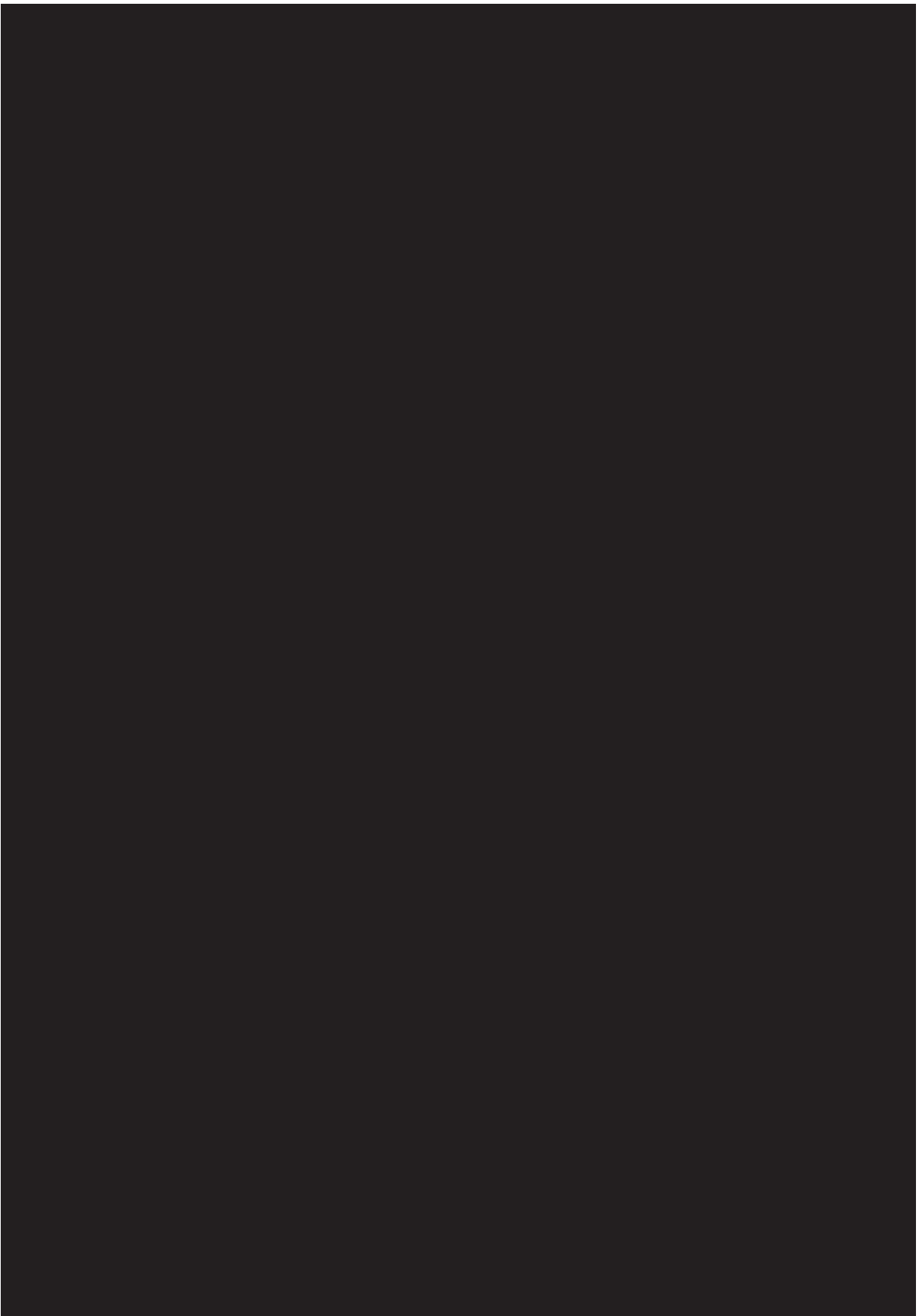


POUSA

NO

MEU

OMBR





Poilifemo
é uma produção da série Polifemo
concebida e organizada por
Antonio Vicente Seraphim Petroforte,
Rodrigo Bravo e Matheus Bueno

São Paulo, 2018

